

Divulgadores enfrentam dificuldades

A se considerar o sucesso de "Ciência Hoje" publicação que, em dois anos de vida, atinge uma tiragem respeitável de 55 mil exemplares, chega-se a conclusão de que a divulgação científica no Brasil é uma área promissora a nível editorial, capaz de trazer contribuição significativa para a formação cultural do País. Se isto for verdade — e quem contesta essa hipótese são três cientistas empenhados na difusão científica — o que explica, por exemplo, a rarefação bibliográfica brasileira nesta área? A resposta a esta pergunta, no entender destes divulgadores, é mais complexa e envolve desde uma postura ainda algo elitista do cientista brasileiro, até a submissão a conveniências multinacionais,

interessadas na atrofia de uma produção local.

Para Carolina Bori, 61, psicóloga e vice-presidente da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC), não é preciso ir muito longe na investigação sobre a carência de divulgação científica para se chegar a situações absurdas. Na própria Universidade, queixa-se Carolina, "um setor ignora o que o outro está fazendo e se estendermos esta situação para fora da Universidade, então chegamos a constatações lamentáveis". A segmentação do fluxo do conhecimento no interior da Universidade, a que se refere a professora Carolina, no entender da física Eda Tassara, 45, e há 17 anos lutando para romper o círculo vicioso que

inibe a divulgação da Ciência, "está ligada ao choque que houve entre um modelo de Universidade européia e depois norte-americana, no Brasil, sendo que não somos hoje nem uma coisa nem outra e desta indefinição nascem deficiências como esta".

O psicólogo João Bosco Jardim de Almeida, 39, coordenador da comissão de divulgação científica que vem sendo montada pela SBPC, vai mais longe. Para Jardim de Almeida — que trocou pelo menos onze anos de pesquisas com cobaias em laboratórios pela divulgação científica, com estágio de dois anos na BBC de Londres — "a Universidade brasileira continua elitista, reflexo de nossa estrutura colonial, e boa parte dos cientistas pouco se importam com a difusão e devolução à sociedade que custeia suas pesquisas, dos resultados obtidos em suas áreas de trabalho".

Contra-ataque da Ciência

A professora Carolina Bori previne os mais apressados que, antes mesmo de se chegar à divulgação para o grande público, a pesquisa a duras penas feita na Universidade brasileira, resente-se de um ainda intransponível fosso entre o que se poderia chamar de teoria e prática científica. "Isto significa", segundo Carolina, "que na impossibilidade de se trazer para a aplicação social toda uma série de conhecimentos obtidos na Universidade, por falta de estrutura industriais adequadas, muitos pesquisadores universitários acabam montando seus próprios negócios, pequenas empresas, capazes de viabilizar na prática o que se descobriu no interior dos laboratórios universitários".

Se esta aplicação prática já sofre limitações, ou boicotes orquestrados por interesses multinacionais — principalmente na área da indústria farmacêutica — o que dizer então da difusão do conhecimento científico para o grande público, pergunta Carolina. A SBPC, particularmente, revela ela, já recebeu propostas tentadoras de publicações multinacionais,

Em que tipo de pesquisa científica o governo deveria investir mais?

CATEGORIAS	SEXO E IDADE						Subtotal	TOTAL	NÍVEL DE RENDA FAM.			FAIXA ETÁRIA			ESCOLARIDADE				TOTAL			
	HOMEM			MULHER					H	M	Até 4 S.M.	De 4 a 10 S.M.	+ de 10 S.M.	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +	n/tem	prim.		ginas.	colég.	univer.
	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +			%	%	%	%	%	%	%	%	%	%		%	%	%
MEDICINA/MEDICAMENTOS	42,0	45,0	40,0	47,0	50,0	40,5	42,4	45,6	44,0	39,9	46,3	47,0	44,5	47,3	40,3	45,0	40,5	43,9	47,4	41,8	44,0	
FORMAS ALTERN. DE ENERGIA	5,0	1,5	1,5	1,0	3,5	1,0	2,2	2,0	2,1	1,9	2,0	2,8	3,0	2,5	1,3	—	—	1,0	2,8	5,7	2,1	
ENERGIA NUCLEAR	7,0	1,0	1,0	2,0	2,0	1,5	2,2	1,8	2,0	2,1	2,3	1,1	4,5	1,5	1,3	—	1,5	2,3	2,2	1,9	2,0	
AGRICULTURA	27,0	36,0	43,5	32,0	31,0	38,5	37,2	34,2	35,7	37,2	35,9	32,0	29,5	33,5	41,0	25,0	37,0	32,6	36,8	39,2	35,7	
PESQUISAS ESPACIAIS	4,0	0,5	0,5	2,0	0,0	1,0	1,2	0,8	1,0	1,3	0,9	0,6	3,0	0,3	0,8	—	0,5	2,0	0,9	—	1,0	
ESTUDOS DO HOM./SOC.	14,0	12,5	8,5	11,0	12,0	14,5	11,2	12,8	12,0	13,8	10,6	11,6	12,5	12,3	11,5	15,0	15,0	15,9	8,7	7,0	12,0	
OUTRAS	1,0	1,5	2,0	1,0	0,0	1,5	1,6	0,8	1,2	1,1	1,1	1,7	1,0	0,8	1,8	—	2,5	0,3	0,9	1,9	1,2	
NÃO SABE	0,0	2,0	3,0	4,0	1,5	1,5	2,0	2,0	2,0	2,7	0,9	3,2	2,0	1,8	2,3	15,0	3,0	2,0	0,3	2,5	2,0	
NÚMERO DE ENTREVISTAS	100	200	200	100	200	200	500	500	1000	376	443	181	200	400	400	20	200	301	321	158	1000	

Entre as áreas que deveriam ser privilegiadas, na opinião dos entrevistados, estão Medicina (44%) e Agricultura (35,7%)

O(a) Sr.(a) gostaria que um filho seu fosse cientista?

CATEGORIAS	SEXO E IDADE						Subtotal	TOTAL	NÍVEL DE RENDA FAM.			FAIXA ETÁRIA			ESCOLARIDADE				TOTAL			
	HOMEM			MULHER					H	M	Até 4 S.M.	De 4 a 10 S.M.	+ de 10 S.M.	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +	n/tem	prim.		ginas.	colég.	univer.
	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +	16 a 19 a	20 a 35 a	36 anos ou +			%	%	%	%	%	%	%	%	%	%		%	%	%
SIM	64,0	68,0	67,5	53,0	58,5	63,0	67,0	59,2	63,1	63,8	64,3	58,6	58,5	63,3	65,3	70,0	70,5	64,1	58,6	60,1	63,1	
NÃO	21,0	19,0	19,0	36,0	28,5	22,0	19,4	27,4	23,4	24,5	21,7	25,4	28,5	23,8	20,5	10,0	23,0	22,9	25,9	21,5	23,4	
NÃO SABE	15,0	13,0	13,5	11,0	13,0	15,0	13,6	13,4	13,5	11,7	14,0	16,0	13,0	13,0	14,3	20,0	6,5	13,0	15,6	18,4	13,5	
NÚMERO DE ENTREVISTAS	100	200	200	100	200	200	500	500	1000	376	443	181	200	400	400	20	200	301	321	158	1000	

O desejo de ter um filho cientista foi expresso por 63,1% dos entrevistados, enquanto 23,4% não querem

onais, de olho na comercialização, a nível editorial, da produção da Universidade brasileira. O interesse dos cientistas brasileiros, no entanto, segundo Carolina "é de difundir o que fazemos aqui dentro, capaz de integrar com a nossa realidade e não meras traduções com enxertos locais".

Assim, as três opiniões convergem para um ponto comum de que as preocupações neste sentido são antigas e que os resultados que começam a ser colhidos com "Ciência Hoje" são frutos de um trabalho paciente ao longo do tempo. Tudo começou com a criação da revista "Ciência e Cultura" contemporânea da fundação da própria SBPC, há quase 40 anos. Ao longo deste período, no entanto, percebeu-se que "Ciência e Cultura" não só deveria ser reestruturada como algo de novo, aberto ao grande público, deveria ser criado. A experiência que resultou na produção de "Ciência Hoje", no entanto, foi precedida por conferências abertas a partir de 82, que começaram a acontecer

no Rio. Estes encontros, em locais próximos aos centros das cidades e não mais nos campi universitários, argumenta Jardim de Almeida "é prova do afastamento, inclusive físico, entre Universidade e Sociedade".

Afastamento do cientista

A professora Carolina não concorda com a tese do divórcio Universidade-Sociedade afirmando que a personificação do trabalho científico no Brasil é uma explicação muito mais satisfatória para estas deficiências, como as que se manifestam na divulgação científica. Em favor da sua tese de "elitismo científico", Jardim de Almeida afirma que, durante sua permanência na BBC de Londres, muitas vezes viu o grande cosmólogo Fred Hoyle "de microfone em punho exposto suas teorias a quem estivesse interessado, coisa bem pouco comum aqui".

Discordâncias à parte, os divulgadores reconhecem que há uma desconfiança mútua entre cientistas e

jornalistas, sendo que a estes últimos está reservada a possibilidade de desenvolver um trabalho significativo na difusão científica. Jardim de Almeida e Eda Tassara, por exemplo, reconhecem que se de um lado há o elitismo do cientista, de outro há uma carência muito grande, em termos de formação, do lado da imprensa. "É de se entender", afirma Jardim de Almeida, "que um cientista que passa anos a fio atrás de um resultado, irrite-se com a incompreensão de um jornalista que lhe pede, sumariamente, a tradução da aplicação deste trabalho, sem levar em conta o penoso e longo caminho entre uma descoberta científica e sua possível aplicação na realidade imediata".

A SBPC, no entanto, além de "Ciência Hoje" tem difusão científica já sendo veiculada por dezesseis estações de rádio-educativa e é no próximo mês estréia em projeto piloto na TV Cultura-SP. (Ulisses Capozoli)

